

# PT abandona tese de desvalorização cambial

*Alternativa defendida pelo partido há um ano seria hoje “um tiro na cabeça”, admite José Dirceu*

RIBAMAR OLIVEIRA e  
MARCELO DE MORAES

BRASÍLIA – A desvalorização do real para o Brasil enfrentar a crise financeira internacional, que era uma alternativa um ano atrás, não existe mais. “Hoje, a desvalorização seria um tiro na cabeça”, disse ontem o presidente nacional do PT, José Dirceu, imitando com a mão o disparo de um revólver contra o próprio crânio. A solução que o partido do candidato à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, apresentou na noite de quinta-feira é a centralização e o controle temporários do câmbio – a mesma proposta feita pelo economista Paul Krugmann, que foi posta em prática esta semana pelo governo da Malásia.



Dirceu contrapôs o controle e a centralização do câmbio ao receituário do Fundo Monetário Internacional (FMI) – que prevê a elevação dos juros, o corte dos gastos e o aumento dos impostos –, que acredita o presidente Fernando Henrique Cardoso seguirá. Mesmo sem mencionar Krugmann, o presidente do PT e Marco Aurélio Garcia, coordenador da campanha de Lula, citaram os argumentos que o economista está utilizando em defesa do controle do câmbio.

“Nós precisamos abrir espaço para crescer e isso só será possível se o País reduzir a taxa de juros”, afirmou. “E para reduzir os juros é necessário desvinculá-los do câmbio.” Além dos argumentos apresentados por Dirceu em defesa do controle do câmbio, o economista Paul Krugmann tem dito que o receituário do FMI está aprofundando a recessão nos países asiáticos e as economias de alguns deles podem cair até 15% este ano.

Mas nem Dirceu nem Garcia detalharam qual tipo de centralização e de controle de câmbio que o PT pretende adotar no País se Lula for eleito no dia 4 de outubro. “A idéia básica é impedir que os capitais especulativos e de curto prazo tenham menos mobilidade do que atualmente”, explicou Roberto Amaral, dirigente do PSB que também participou da entrevista.

“Vamos atuar sobre os anexos”, acrescentou Garcia, numa referência ao Anexo 4, por onde entra o dinheiro estrangeiro que vai para as bolsas de valores e para as aplicações de renda fixa. “Vamos fechar os ralos por onde sai o dinheiro”, sintetizou Dirceu. Ele ressaltou que o PT honrará todos os contratos e acordos de dívidas do País. “Não daremos calote.”

Além dessa mudança na política cambial, o PT promete também reduzir ou eliminar as chamadas importações supérfluas. “Nós vamos impedir a entrada de comida para gatos, por exemplo”, disse Garcia, para explicar de forma mais concreta a idéia do PT sobre a restrição das importações que pretende pôr em prática quando chegar ao governo. “As tarifas de importação dos supérfluos serão elevadas.”

A análise feita pelos dirigentes do PT é semelhante àquela feita pelos integrantes da equipe econômica do governo. Ou seja, todos eles consideram que a crise financeira é mundial. Mas o PT acha que esta é a crise final do modelo neoliberal idealizado pelo chamado “consenso de Washington”, que, no Brasil, estaria sendo instituído por Fernando Henrique. “Esta crise é mundial, mas é diferente daquela da 1929”, explicou o ex-prefeito Tarso Genro. “Agora estamos presenciando o esgotamento do modelo neoliberal.”

Para Dirceu, Fernando Henrique vive hoje uma ambigüidade. “Ele sabe que terá de adotar medidas duras para enfrentar a crise, mas ao mesmo tempo não deseja adotá-las porque a população será punida e não aceitará o remédio”, afirmou. “Fernando Henrique vai viver essa ambigüidade até o dia 4 de outubro.” Os dirigentes do PT consideram que o imobilismo do governo resulta também da divisão interna da equipe econômica, que não chegou ainda a um acordo sobre que direção tomar.